

Director, editor e proprietário
Antonino Dias Pinto de Castro
Redacção e Administração:
Rua da Rainha, 56-A
Telef. 4313

Notícias de Guimarães

Composição e impressão:

A' Ex.ma
Sociedade Martins Sarmento
Guimarães
— AVEIÇA —

FUNDADO EM 1932

Mercenários e Traidores!

Uma onda de revolta sacode o País de-lés-a-lés, como consequência do ataque bárbaro e covarde às nossas possessões indianas — Dadrá e enclave de Nagar-Aveli — por hordas de facinoras e mercenários e de alguns traidores. Essa revolta é uma sincera exaltação do patriotismo lusitana, de uma Nação ferida e ultrajada no seu orgulho e na sua grandeza de oito séculos.

O assalto dos bandidos aliçados, ébrios do vil suborno à rupia, deu-se em circunstâncias que revelam o mais degradante cinismo.

Dadrá e outras aldeias foram esbulhadas. Um pedaço do corpo da Pátria foi mutilado, em sede tigrina de sangue e de vingança — desta Pátria de Heróis e de Santos «que deu ao Mundo novos Mundos».

Os séculos consagraram o esforço português na Índia — essa Índia de Albuquerque e de Francisco Xavier, onde jamais se apagará o fulgor da nossa evangelização, a grandeza da nossa epopeia, o direito das nossas conquistas, o heroísmo das nossas batalhas.

Desmascarou-se o banditismo nesse assalto ignóbil a umas terras indefesas, sem quaisquer recursos bélicos para ripostarem à investida miserável e canalha, perpetrada nas sombras da noite.

Os cobardes atacam sempre desta maneira. Insólitos e repelentes!

Nehru é a figura sinistra desta tragédia em que estamos mergulhados. A ele deve ser imputada a enorme responsabilidade do atentado criminoso, que ficará na História da União Indiana como uma mancha negra, como o sinal aviltante de um roubo.

O sr. Nehru será julgado pela História que não mente, que não mistifica — a História serena da Verdade imutável, da Justiça que não tripudia, da Razão que não obscurece, do Direito que não esmaga.

A maldade e o maquiavelismo do Pandita «pacifista», revelaram-se no auge. Attingiram as proporções máximas da impostura, da manha, da rapacidade, do delírio, da cobardia. Máscara miserável que exhibe com repugnante cinismo a irresponsabilidade da afronta cometida pelos abutres recrutados nos antros imundos e fétidos de Bombaim!

Sob qualquer dos aspectos — histórico, moral, rácico e político — o sr. Nehru pisa um terreno falso. A sua concepção de unidade e de liberdade é um absurdo, principalmente quando evoca princípios que as realidades desmentem categoricamente. Para ele, Goa, Damão e Diu são obstáculos «à liberdade e à unidade do Estado Índiu»!

E não nos fala do antagonismo entre indús e muçulmanos! O que representa para o Pandita o Estado autónomo do Paquistão em pleno território indústânico?

Irrisórios argumentos! Que razões jurídicas julga possuir o chefe indiano para fundamentar as suas pretensões de conquista e de coesão nacional, numa península de

360 milhões de habitantes, que a diversidade de castas e religiões e os preconceitos sociais e sistemas filosóficos do *Induismo* afastam? E os 60 milhões de párias, de seres miseráveis — os *intocáveis* — que as «castas superiores» detestam?

E' um energúmeno e um falso profeta, o sr. Nehru. Um embusteiro desmascarado nas questões internacionais. Um mau, um péssimo discípulo de Gandhi, porque se afasta daquelas directrizes rigorosas que o Mestre delineou na assimilação da realidade espiritual e sentimental do Povo e dos preceitos morais indispensáveis à valorização e ao engrandecimento de factores humanos nos quadros sociais.

A preponderância dos problemas asiáticos, para Nehru, parece-nos interessar-lhe, sobretudo, numa ordem de expressão universal, mais do que num sentido de magnânima compreensão pelas amargas realidades internas, que tanto preocupavam Gandhi.

Talvez haja necessidade de lhe lembrar ainda o testamento de Pedro, o Grande...

Quase chegamos a acreditar que Nehru é o fruto do ambiente político internacional, cheio de incertezas, de intrigas, de habilidades e de subterfúgios burocráticos. Um ambiente sem paz e sem confiança!

Há um ror de anos que andamos nisto, que se representa a farsa, com a azáfama diplomática em que o Mundo não acredita, cansado de tanta insidiosa e de tantos devaneios, que são autênticas mentiras políticas. Quantas transigências vergonhosas! Quanto desrespeito pelo sangue generoso de milhões de seres que tomaram! Quanto menosprezo pela honra das Nações!

Acumulam-se os paradoxos, os erros, os absurdos — e pretende-se edificar a Paz sobre mentiras e injustiças, sobre iniquidades e afrontas incomensuráveis à dignidade dos Povos!

Quando a Força subjuga o Direito — ai dos pequenos e dos fracos!... — a Humanidade vive, fatalmente, as fases mais críticas e dramáticas da sua vida.

Os factos da Índia Portuguesa — os assaltos e as ameaças dos mercenários e dos traidores, com os Mascarenhas que são de todos os tempos e de todas as latitudes — compungem a Pátria que nasceu aqui, nesta terra de Guimarães, numa manhã de liberdade e de sol, de sol e de liberdade benditos, que aqueceram os confins do Mundo. Aconteça o que acontecer, Portugal saberá ser digno dos seus destinos e da sua história. Para já, está a dar uma magnífica lição de unidade, de coesão, de fé e de certeza nos seus desígnios de velho pioneiro.

Grande e magnífica lição!
SOUSA MACHADO.

Novo Juiz de Direito

O sr. dr. Manso Preto que durante muito tempo desempenhou, com elevado apuro e competência, o cargo de Delegado do Ministério Público nesta comarca, acaba de ser promovido a Juiz de Direito e colocado na comarca de Sabugal. Apresentamos a S. Ex.ª os nossos cumprimentos.

FORAM GRANDIOSAS as Festas da Cidade

Extintos os últimos acordes das filarmónicas, já quando a cidade voltou à sua fisionomia normal, sem festões nem bandeiras e assistindo à retirada dos últimos forasteiros, de tantos e tantos que aqui vieram e viveram os dias alegres e cheios de vibração das nossas inegualmente festas Gualterianas, sejam as nossas primeiras linhas de aplauso e louvor para a Comissão que as promoveu, constituída pelos srs.:

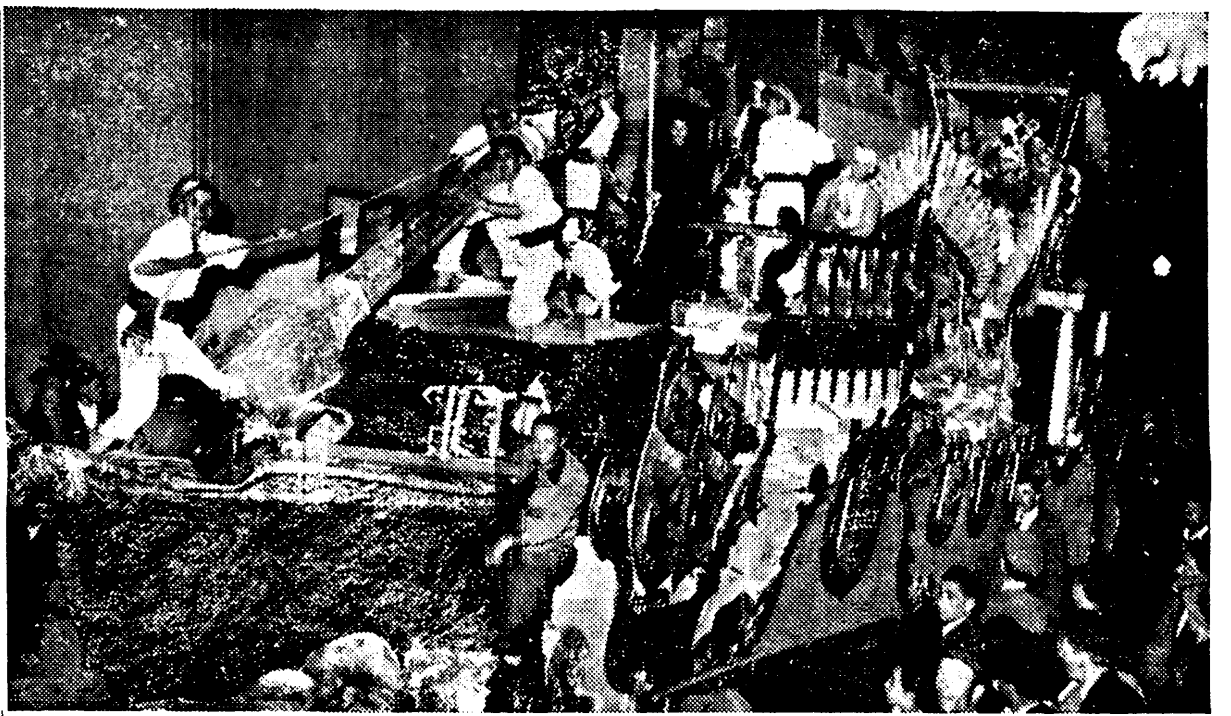
António Emilio da Costa Ribeiro, presidente do Grémio do Comércio; Cap. José Maria Pereira Leite de Magalhães Couto, presidente do Grémio da Lavoura; dr. José da Conceição Gonçalves, eng.º Helder Raúl Lemos da Rocha, eng.º José Coelho de Lima, Abílio de Oliveira, Alexandre Rodrigues Guimarães, Amadeu José de Carvalho, António Martins Ribeiro da Silva, Bernardino Alves Marinho, Casimiro Martins Fernandes, Eduardo Lage Jordão, Eduardo Pereira dos Santos, Eleutério Ramos Martins Fernandes, Francisco Ribeiro de Castro, João de Oliveira, José João da Cunha, Manuel de Sousa Oliveira, Mário Dias Pinto de Castro e Torcato Mendes Simões, e ainda, para todos quantos colaboraram nessa admirável demonstração de bairrismo, de um modo especial os briosos empregados do Comércio e a Mesa da Irmandade de S. Gualter.

Mercê de um conjunto de boas vontades e de esforços, a cidade, levando a efeito as suas festas tradicionais, elevou-se mais uma vez aos olhos de toda a gente e escreveu mais uma página na história da sua vida intensa e laboriosa.

Estamos, portanto, todos de parabéns!

Os arraiais — Os concertos Os fogos

A cidade apresentou-se toda engalanada, sobressaindo as deco-



Um aspecto do famoso Carro consagrado à Índia, na Marcha Gualteriana

rações e iluminações do Tournal — com toda a fachada nascente a jorrar luz durante a noite —, do Largo Prior do Crato e do Campo da Feira, com as torres do templo dos Santos Passos admiravelmente recortadas a lâmpadas.

Foram brilhantes os arraiais, em que tomaram parte diversas e reputadas filarmónicas e consagrados pirotécnicos, tendo constituído um número elegante os festivais de domingo e segunda-feira no Jardim Público, que estava vistosamente decorado e iluminado e no qual se fez ouvir a Banda Regimental de Santiago de Compostela, aqui chegada no domingo à tarde e à qual foi feita, no Grémio do Comércio, uma sessão de boas-vindas a que presidiu, discursando, o sr. António Emilio Ribeiro, presidente do Grémio e da Comissão das Festas deste ano.

Entrega de prémios

As sessões que se efectuaram, para a entrega dos prémios aos classificados no Concurso Pecuario deste ano e aos expositores da Exposição Industrial do ano findo, estiveram concorridas e decorreram muito animadas.

A festa e a procissão de S. Gualter

Entretanto, Guimarães ia-se enchendo cada vez mais — apesar de o calor ser quase de fornalha...

Cerca das 19 horas, saiu do templo dos Santos Passos a grande e imponente procissão de S. Gualter — um dos números mais vistosos de todas as festas gualterianas. Há uma hora que milhares de pessoas — de acordo com o programa oficial — aguardam, nos passeios, disciplinada e religiosamente, a passagem do grandioso préstito.

A frente, seguiam quatro soldados da G. N. R., a cavalo, logo seguidos da banda de música de Pevidém. Depois, enorme, o estandarte de S. Gualter, conduzido por dois homens possantes. Pegavam às borlas os srs. dr. Castro Ferreira, Manuel Moreira Guimarães, engenheiro Alberto Costa e António J. Pereira Rodrigues.

Depois, era a vez das confrarias de Creixomil, de Santo Estêvão, de S. Paio, da Senhora da Oliveira e de S. Sebastião. De permissão, dezenas de crianças, todas vestidas com gosto e arte, figurando «anjos» ou alguns santos. Um grupo

Continua na 3.ª página.

Os acontecimentos da Índia e a sua projecção no BRASIL

De entre as Nações — e muitas têm sido — que firmemente manifestam a sua solidariedade moral ao nosso País, a propósito da insólita agressão da escumalha indiana, recrutada nos bairros de Bombaim, a possessões do Estado Português, destaca-se o Brasil.

Por intermédio dos seus valores mais representativos, a grande Nação-Irmã tem verberado a ousadia da agressão e a atitude inqualificável dos seus instigadores, ao mesmo tempo que salienta o direito indiscutível da presença de Portugal nessas terras bem portuguesas e da sua grandeza histórica revelada através dos séculos.

Trata-se de um verdadeiro movimento coesivo — sincero, espontâneo e vibrante — no qual tomam parte, em unânime conjunto de sentimentos patrióticos, os portugueses do Brasil.

Diversas pessoas amigas nos têm enviado exemplares dos principais diários brasileiros que se fazem eco desse sentir — de amizade pelo nosso País e de repulsa pelo ataque abjecto.

Na impossibilidade, por falta de espaço, de fazermos transcrições na íntegra, vamos arquivar, todavia, alguns excerptos de artigos, de discursos e entrevistas:

A atitude de Nehru se confunde com a dos comunistas e nazistas

«Final de contas a atitude de Nehru se confunde com a dos comunistas e nazistas, incorporando territórios sem outro argumento senão o de que são habitados por gente de sua raça, se encontram na sua proximidade e são úteis à sua segurança.

A valer o primeiro desses argumentos, a Suíça devia ser partilhada entre a Alemanha, a França e a Itália.

Se acolhessemos o segundo — o da contiguidade geográfica, devíamos reivindicar as Guianas e mesmo o Uruguai; o mapa do Brasil ficaria mais simpático arredondando-se, ao Norte, por uma linha do Cabo Orange ao Monte Roraima e, ao Sul, pelo Rio da Prata.

Aceitando-se, por fim, a alegação de que as colónias portuguesas são uma porta aberta à insegurança nacional da Índia, teríamos de conceder aos Estados Unidos o direito de esticar a sua soberania até o Canal do Panamá.

Ninguém pode negar ao Pandita Nehru o direito de sonhar com uma grande e poderosa Índia, tão necessária ao equilíbrio asiático. Como ninguém pode negar aos povos da Ásia o direito de se emanciparem da tutela ocidental.

Mas onde os povos vivam em paz e prosperidade, satisfeitos com o governo que têm, onde se constituiu uma nova comunidade com características e problemas próprios, que não se procure perturbá-los em nome de princípios que são meros pretextos de despotismo e espoliação.»

Danton Jobim.

(Em Diário Cartoca)

Ataque ao corpo de toda a Nação, ferindo a um tempo o seu presente e o passado do génio descobridor

«O nosso país é de tal modo, tão pelo sangue e pela carne, um consócio da história de Portugal que não pode assistir impassível ao grave atentado que acaba de sofrer, em Dadrá, a soberania lusitana. Dadrá é uma simples e pobre aldeia, mas o que ali ocorreu, por instigação e cumplicidade de agentes estrangeiros, foi um ataque ao corpo de toda a Nação, ferindo a um tempo o seu presente e o passado do gé-

nio descobridor. Para o julgamento da consciência — ai de nós tão embotada! — do mundo civilizado não está no plenário o princípio da autodeterminação dos povos, nem se discute se os tempos vigentes ainda suportam o colonialismo, de resto inexistente no caso, ou se merecem respeito as uniões políticas entre posições geográficas separadas umas das outras nos quadros continentais. Em Dadrá não se verificou, nem na aparência, um livre pronunciamento dos habitantes daquelas regiões asiáticas. Foi simples levante de uma clique de agitadores mobilizados pela inspiração dos líderes da União Indiana, que quer anexar por tão condenável processo uma zona do velho e glorioso império português. Nem é de hoje que o Pandit Nehru aflora contra Portugal uma reivindicatória das porções daquela zona geográfica, que se encontram há cinco

EFEMÉRIDE

Recebemos e gostosamente lhe damos publicidade, a seguinte carta do Prof. sr. Abel Cardoso:

Gondomar, 2-VII-1954.

Amigo Antonino:

Precisa de ser rectificada a «efeméride» publicada no último número do teu jornal, e gostava, e agradecia, que o fosse no próximo número.

E' que eu nunca tive interferência alguma na organização da «Marcha Milaneza».

Deve-se no seu início, e creio que ainda hoje, o seu brilhantismo, única e exclusivamente, ao talento do meu velho Amigo prof. José de Pina.

Eu apenas, em tempos idos, forneci à Comissão algum projecto para decoração das ruas e janelas, sendo ainda da minha autoria o projecto dum arco a saudar os visitantes (Arco árabe) à entrada da cidade, e o dos pavilhões da feira de amostras, construídos, não me recordo em que ano, no então largo de Afonso Henriques. Nada mais. Não quero, pois, engalanar-me com as penas de pavão, deixando correr o honroso erro da efeméride em questão.

Abraça-te o velho amigo

Abel Cardoso.

FÉ!

Há quem duvide neste mesmo instante, Que há uma força sobrenatural Que é capaz de levar-nos lá distante Onde o chão que se pisa é Portugal!

Há quem receie dar um passo adiante E encolhe os ombros num pavor mortal, Como um pálido e triste caminhante Com os olhos no pó do seu coval...

Ó Mocidade Portuguesa! alerta! Quem a tempo não marcha e que deserta, Um bom soldado português não é!

Falta-lhe aquele íntimo ardor e calma, Aquele fogo que dá vida à alma, Aquela brasa que o encheu de fé!...

JERÓNIMO DE ALMEIDA.

Á G U A !

Em 9 de Maio, o «Notícias de Guimarães» deu-nos a honra de publicar um artigo em que manifestámos, — já nos vai parecendo que sem razão —, a nossa confiança no reatamento da indispensável actividade administrativa do concelho e na solução de tantos dos problemas de interesse municipal que têm permanecido esquecidos.

Um deles, que reputamos e continuamos a reputar assunto muito grave, é o do abastecimento da água da cidade; afirmamos que a água não chega aos terceiros andares da parte baixa da cidade nem ao rezado-chão dos pontos altos e que, segundo consta, a lusálite, material de que é feita a nova tubagem, não aguenta a pressão; dissemos também que o assunto precisava de ser esclarecido com rapidez.

Começam a chegar esses esclarecimentos.

Os primeiros que vêm a público, e sempre por intermédio deste tão prestante semanário, são fornecidos pelo engenheiro Pinto da França, que nos apresenta como sendo o autor do «Projecto de Abastecimento de água à cidade de Guimarães».

Sem fazermos caso do desdém irónico com que nessa apresentação se salienta o facto de considerarmos «muito grave» o problema do abastecimento das águas da cidade, vejamos o que nos diz ou manda dizer o Sr. França, de interesse para a solução do assunto.

Resume-se no seguinte:

1.º — Que o caudal do Rio Ave é mais do que suficiente para as necessidades actuais e futuras do consumo da cidade.

2.º — Que executado o seu projecto, a cidade poderá dispor de 2.500 metros cúbicos diários de água, nas piores condições de solicitação, e a Câmara fica habilitada a fornecer toda a água que lhe for pedida e com pressão para subir alguns metros acima dos mais altos espigões das casas mais altas.

3.º — Que a população não está apetrechada para adquirir e utilizar a água de que carece.

4.º — Que presume estar ainda em uso a antiga rede de tubos de ferro, velha, insuficiente e obstruída, com válvulas antigas e adufas caldeadas.

5.º — Que tem a certeza de que é necessário remodelar quase todos os sistemas de canalização dos

prédios por, além de outros defeitos de que padecem, estarem *tuberculizados*, para tudo se encontrando, porém, remédio no Regulamento do Serviço de Abastecimento de Água de Guimarães, da sua autoria, que tudo prevê e resolve.

Quanto às virtudes da tubagem de lusálite entende o Sr. engenheiro França que não carecem de defesa, atentas as boas provas já prestadas em Portugal.

Portanto, temos de concluir que, a respeito de água em Guimarães, tudo está satisfeito e regulado maravilhosamente; e, por isso, sendo verdade, como é, que os habitantes da cidade continuam sem água, exactamente como indicamos no nosso artigo de 9 de Maio, a culpa é só deles e de mais ninguém! A Câmara, e sua parte, diz outro engenheiro, e este conterrâneo, o Sr. Mendes de Almeida, resolveu o problema do abastecimento competindo agora a cada um de nós, os consumidores, substituir a nossa canalização por outra que faça esguichar a água para cima, uns poucos de metros, dos espigões dos nossos telhados!

E' isto o que dizem estes dois senhores engenheiros, um deles, pelo menos, suspeito de parcialidade por ser o autor do projecto de abastecimento em execução ou executado e o preconizador da lusálite que, é ele também que o diz, tão boas provas já deu em Portugal.

Agora falemos nós, os consumidores.

Nada percebemos de tuberculose tubular nem de válvulas e adufas caldeadas e nunca lemos o tal mirífico regulamento de que a Câmara ainda se não dignou dar conhecimento aos seus municípios.

Mas temos conhecimento do seguinte:

a) — Se as nossas canalizações, de verdade, estivessem *tuberculizadas*, essa doença terrível seria de efeitos permanentes e fatais; ora há dias em que a água corre e outros em que não corre; será a tuberculose doença intermitente? Que é extremamente contagiosa, parece que sim, pois as canalizações novas, numa solidariedade impressionante com as antigas, se negam a deixar passar a água nos mesmos dias e às mesmas horas em que estas se tuberculizam.

b) — A rede de lusálite está concluída há muito tempo; se ainda se usam os tubos de ferro velho, a culpa não é nossa; mas quem nos

UMA HISTÓRIA FAMOSA!

Conta-se à maneira das histórias para crianças, como uma história fabulosa e lendária — a história do Rei do Pegu, filho de Guimarães.

Contudo, a história não é da série das histórias da Carochinha. E' verdadeira. Pertence ao facto ao século XVI.

Salvador Ribeiro, natural de Guimarães, seguindo a odisséia aventureira dos portugueses das Navegações e Conquistas, abordou, nos vaivéns da sorte, terras da Índia, no Pegu.

O que nessas paragens fez ou deixou de fazer de notável, de assinalado, não se sabe. O que de positivo se sabe, pelo dizer de historiadores sérios, é que Salvador Ribeiro foi elevado a hierarquia de rei de uma tribo, certamente de boa índole. Como tal, não teve dúvida em aclamar por seu rei, para soberano de uma tribo de cor, um homem da raça branca. E agora — imagine-o a nossa fantasia — Salvador Ribeiro, quase rei de opereta, subindo ao trono, empunhando o ceptro, firma na cabeça a coroa, faz pender dos ombros o manto da sua realza inesperada, e governa e reina na tribo indiana, por direito popular.

Não chegaram até nós senão fracos ecos desta realza singular.

No dizer de Vilhena Barbosa, o nosso conterrâneo «embarcou no ano de 1600 no porto de Goa com destino às

costas do Pegu, acompanhado de trinta e dois portugueses»; e tais proezas militares patenteara que, «é finalmente aclamado rei pelos próprios inimigos, que lhe atribuíram um poder sobrenatural, chamando-o, por isso, o bravo dos bravos, o Quaiy ou Deus da terra.

O caso, por muito estranho que pareça, não tem nada de fabuloso. Há na História Portuguesa sucessos semelhantes.

Este rei, ao cabo de tempo, sem dinastia, renunciara voluntariamente ao seu trono, à sua realza, à sua tribo. Nela era um enxerto esporádico, de natureza híbrida. Deixara Salvador Ribeiro o seu reino de conquista. Renunciara-o por maneira tão singela, que nem sequer encarregou um cronista-mor de lhe traçar os factos mais assinalados do seu reinado.

Salvador Ribeiro, o rei do Pegu, regressando à Pátria, encaminhou-se para a terra de Abrantes, onde tinha descendentes. Cansado das andanças deste mundo, depois de ter deambulado à deriva, em Abrantes baixou à cova.

Se em Guimarães houvesse sentimento de admiração, a sepultura de Salvador Ribeiro seria lugar de romagem para os vimaranenses.

Mão amiga e piedosa mandou gravar nessa campá este epitáfio sugestivo:

Este capitulo e sepultura é de Salvador Ribeiro, commandador de Cristo, natural de Guimarães, a quem os naturais do Pegu elegeram por seu rei.

O saudoso Dr. João Antunes Guimarães falou um dia no Parlamento desta figura vimaranense. Requeceu para Salvador Ribeiro a honra de lhe classificarem o túmulo, monumento nacional. Algumas diligências promoveu, junto da Direcção Geral, no bom sentido de fazer vangloriar o seu generoso e patriótico pensamento. Que me conste, nada se fez de positivo.

Salvador Ribeiro, rei do Pegu, não foi, como se pode concluir, um rei lendário.

E' uma figura extraordinária da história vimaranense, bem digna de epopeia, à maneira camoneana.

Já uma vereação o consagrou na toponímia de uma rua ou largo. Onde fica essa artéria, não sei. Se tem legenda descritiva, não sei. O que de positivo sei, é não se ter dado ao povo a lição cívica que oferece este herói de aparência lendária, oriundo da Casa de Quintãs, da freguesia de Ronfe.

Esmorecidos andam os nossos brios, e é pena!

Fosse outra a nossa fibra, e Salvador Ribeiro não teria caído no olvido.

A. L. DE CARVALHO.

PERANTE O ALTAR DA PÁTRIA

Todos os portugueses, onde quer que se encontrem, continuam a dar as-mais irrefutáveis provas do seu patriotismo e da sua lealdade à defesa da integridade Nacional, sem preconceitos nem hesitações de qualquer espécie.

Através de manifestações de evidenciado patriotismo, a que toda a imprensa tem dado o devido relevo, tem ecoado em todo o mundo o eco da voz de Portugal contra a cobardia e a traição do assalto a territórios da Índia portuguesa, longínqua parcela do nosso histórico e patriótico passado, onde palpita há mais de quatro séculos o coração de Portugal e onde vive em venerável Altar da Pátria a Alma de um povo independente e glorioso.

A Índia portuguesa é uma reliquia sagrada da expansão dos descobrimentos e da Cristandade, razão por que a violação da sua soberania secular tem encontrado em todo o mundo civilizado desassombradas e sinceras demonstrações de caloroso protesto contra os rancorosos e insatisfeitos apetites do Sr. Nehru, que, pretendendo proclamar a sua inocência perante a vilania praticada, não deixa, por outro lado, de declarar que não quer fronteiras estrangeiras a fazerem sombra à sua *Pandita* ganância.

Esse homem, que tem a insólita pretensão de ser um técnico da arbitragem da Paz mundial, não passa de um fumentador da intranquilidade de povos pacíficos, que nada des-ja da sua ignorada mentalidade, não obstante a sua veleidade de se considerar um astro de sensível grandeza, quando, afinal, nem com o auxílio de um microscópio se enxerga o brilho da sua existência.

Porém, deixemos o Sr. Nehru na caverna das suas ambições territoriais, populacionais e políticas, e passemos a ler uns ligeiros recortes do jornal «República», do dia 27 do mês findo e referentes a um artigo intitulado: «A Pátria acima de tudo!»

«De todo o Portugal de Além-Mar são indiscutivelmente as terras da

Índia Portuguesa as que melhor falam, as que mais dizem à nossa alma de portugueses e de patriotas. E' que esses pedacitos tão distantes do Continente mas tão portugueses e tão próximos por fazerem igualmente parte do todo que é a Pátria, representam da maneira mais permanente, mais real e efectiva, o génio da nossa grei na expressão forte e viva do vibrante anseio de progresso que sempre a animou e levou a escrever, ao serviço de Portugal e da Civilização, as páginas mais brilhantes de que um povo se pode orgulhar.

Sangra o coração da Pátria.

Uma parcela do território português da Índia foi ocupada, por forma bem insólita e talvez sem exemplo na História, pela União Indiana ou, pelo menos, por forças que contam com a sua franca protecção.

No decorrer dos séculos perdemos alguns pedaços, bem valiosos e bem vastos, da nossa terra como, até com satisfação, vimos o Brasil seguir a sua gloriosa rota de povo independente e livre.

Mas nunca a soberania portuguesa foi tão profunda e condenavelmente ferida, como agora.

Poderia a Índia Portuguesa, se para isso tivesse condições, aspirar, também, à constituição de um aglomerado nacional independente.

Não é esse, porém, o caso que se apresenta. E' antes pela força que se pretende obrigar a deixar de ser portuguesa uma terra que o é através de cerca de cinco séculos de História, e a deixarem de ser portuguesas populações que querem continuar a sê-lo e que já o eram, também, cerca de cinco séculos antes da União Indiana existir como nação independente.

Em tão grave emergência a alma portuguesa sente-se profundamente ferida, oprimida e esmagada.

Do mais fundo e do mais distante da nossa História sente-se o eco de um imperativo que não pode deixar de ser ouvido. E' como que a voz do Gama, como que a voz de todos os almirantes da nossa epopeia marítima e de todos os capitães da Conquista e da Independência tornada eterna por Camões nos «Lusíadas», bradando do fundo dos seus túmulos.

O' Pátria, sente-se a voz Dos Teus egregios avós...

Como se constata, nem a política quebra a união de todos os portugueses que colocam a grandeza e a intangibilidade da Pátria acima de tudo, facto que a certos espiritos sectários não deverá passar despercebido.

De resto, a nobreza dessa atitude não constitui mais do que o cumprimento de um sagrado dever, perante o qual todos os portugueses, dignos desse nome, colocam a sua Pátria acima de tudo, até mesmo da sua própria vida!

V. C. A.

Reza do Peregrino...

Sou filho de alto montado, lá na montanha fui nado, do céu pertinho eu nasci: — irmão-gémeo dos pinhais, da torga, dos matagais, do Sonho que não vivi...

Na tristeza, que me invade, andam rios de Saudade em perpétuo marulhar: — saudades da urze do monte, saudades de certa fonte, saudades do Teu olhar...

Trago em mim a voz estranha do mistério da montanha a abraçar o meu fadário: — daí me vem a tristeza, onde o meu coração reza nas contas do seu rosário...

Neste meu viver tristonho balouca a barca do Sonho em mar vivo e inconstante: — mas na luz dos olhos teus, outro mar e outros céus vê o pobre mareante...

No mar revoltado da vida, o triste, minha querida, vem buscar o teu perdão: — neste mar-alto de abrolhos, os teus olhos, não são olhos, são boias de salvação...

No teu olhar, doce e brando, vai meu Sonho navegando, na maré do nosso Amor: — verde-mar, cor de esperança, a sorte também se alcança no vai-vém da nossa Dor!...

S. D.

Confeitaria Benamor

Este acreditado estabelecimento, situado na Praça principal da cidade, acaba de ser dotado com um vistoso tolde metálico que muito o embeleza.

séculos sob a até agora indisputada soberania lusitana.»

(De O Globo).

O caminho da agressão — em nome da liberdade...

«A política dúbia, já agora escancarada, do sr. Nehru, atirado a uma agressão armada, deve ser denunciada ao mundo para confrontar o governo indiano com suas próprias origens. A admiração do mundo pelo esforço indiano de construção de uma nação no seu amontoado de raças incomunicáveis, de religiões que se entredoravam, de regiões que se estracalham, sofre agora um golpe profundo quando se vê o sr. Nehru tomar o caminho da agressão — em nome da liberdade...»

E' um imperativo de interesse nacional a solidariedade brasileira a Portugal, ferido em sua soberania, atingido no que ele tem de mais ligado ao Brasil, que é a sua extraordinária vocação de formador de povos, na heróica e pequenina Goa, marcada hoje pelo sangue generoso de seus filhos, todos filhos de Portugal.»

Carlos Lacerda.

(Em Tribuna da Imprensa).

Com a Nação lusitana estará o Brasil

«A ocupação da aldeia de Dadrá foi um acto de força, atitude de agressão de uma potência em território de outro. Com ela e com a farsa do pedido de incorporação à União Indiana não pode concordar o governo português após tantos séculos de posse mansa e pacífica e de esforços para prover às necessidades e ao progresso daquela e das demais províncias de ultramar. E com a Nação lusitana hão-de estar solidários os demais países, à frente dos quais o Brasil pelas razões óbvias não só de seu culto ao direito como dos laços que o prendem à pátria de seus descobridores.»

(Do Diário de Notícias).

Por onde andaram, os portugueses sempre se impuseram, não pela força, mas pelo amor

O comendador Corrêa da Silva considera a invasão de Goa uma questão mais moral que material, uma vez que — afirmou — dá prejuízo a Portugal. E pergunta, revoltado:

«Por que não faz a Índia, no seu território, o mesmo que quer impor na terra dos outros? Per

que o Paquistão está dividido em duas partes?»

E considera que a invasão foi um acto de barbarismo com o qual nenhum português se conformará.

«A Índia deveria, antes de tudo, dar a si o exemplo pacifista que aconselha aos outros.»

Afirmou que quando a Índia «era ainda um Estado sem consistência, os portugueses lá apareceram», após «porfiados esforços».

«No princípio do século XVI, Afonso de Albuquerque, o grande, permitiu que os soldados portugueses casassem com as indianas, mantendo até hoje o território.»

E pergunta:

«Qual o país que, posteriormente, fez coisa idêntica? Ademais, os portugueses, por onde andaram, sempre se impuseram, não pela força, mas pelo amor.»

(De uma entrevista concedida a Tribuna da Imprensa).

Portugal saberá lutar pela defesa dos seus direitos

«Como era de esperar a colectividade portuguesa no Brasil não tardou a vir ao encontro do representante do governo na nação, trazendo-lhe, mais do que as palavras de uma moção, a própria alma curtida no fervor do seu patriotismo.»

Sois, como sempre fostes, uma voz que se eleva, uníssona e uniforme, a declarar o vosso amor à Pátria integral — essa que vai do Minho a Goa, consolidada por muitos séculos de cultura, língua, religião e sangue, em soberana unidade garantida pela história e pelo direito.

O vosso gesto de hoje confundem-se, irmana-se, junta-se aos que, nas ruas da capital e das províncias portuguesas, apontam, perante uma injustiça inominável, o caminho da honra e do dever. Esperamos que este caminho não tenha de ser regado com o sangue das nossas vidas, porque ainda temos fé em que o bom senso ilumine o despauro dos responsáveis por esta hora perturbadora e inquietante.

Quaisquer que sejam, porém, os dias que o futuro nos reserve, Portugal, saberá lutar intransigentemente pela defesa dos seus direitos, com a inquebrantável grandeza das nossas gloriosas tradições.»

(Palavras do Embaixador Dr. António de Faria, numa manifestação de portugueses).

Estádio Municipal

Na sua última reunião a Câmara Municipal procedeu à arrematação da obra de terraplanagem e drenagem dos terrenos destinados ao futuro Estádio Municipal. Foram apresentadas várias propostas, tendo sido arrematante a firma Osório & Coelho, de Famalicão, pela importância de 585 contos.

Espera-se que se não faça demorar o início dos trabalhos desta obra, que constitui um importante melhoramento para a Terra.

PENAS...

(lição de zoologia)

«Vós tendes penas nas asas, Eu tenko-as no coração.»
Fernando Caldeira.

Não são leves e suaves Coloridas, nem amenas... Não são tectrizes das aves As minhas amargas penas.

Com as remiges das asas As aves cortam o espaço... Voam, à dor sempre rasas, Minhas penas, de cansaço.

Ave que voa não teme O seu destino na altura! Tem as rectrizes por leme, Se julga sempre segura.

Asas esguias e belas Ruflando em voo, serenas... Quem me dera poder tê-las, E não ter as minhas penas!...

ELÍSIO DE VASCONCELOS.

As Festas da Cidade

Continuação da 1.ª página

maravilhoso de meninas — vestidas umas de verde, outras de rosa — fazia a guarda de honra, em arranjo vistoso, ao brasão da cidade.

Integravam-se na procissão os andores de S. Gualter e de Nossa Senhora da Oliveira — a imagem desta coberta com um riquíssimo manto bordado a ouro. Ao pescoço, viam-se várias e valiosas jóias e um cordão enorme, também de ouro.

A passagem dos andores, e ao longo do percurso seguido pela procissão, o público ajoelhava piedosamente — num silêncio impressionante. A procissão foi, por tudo isso, uma grande manifestação de fé.

Sob o pátio, ia o sr. D. Abade de Singeverga, pegando às lanternas algumas figuras destacadas da vida vimaranense.

Atrás, seguiam as forças vivas da cidade: os srs. presidente da Câmara Municipal, juizes de Direito, Conservador do Registo Civil, comandantes da P. S. P. e da G. N. R., etc.

E a procissão — em que se integravam as Irmandades de S. Gualter e dos Santos Passos, os Ordens de S. Domingos, de S. Francisco, do Carmo e de Nossa Senhora da Oliveira, os Monges de Singeverga e os Frades de Montariol — fechou com a banda de Santiago de Compostela e com os piquetes dos Bombeiros Voluntários de Guimarães e das Taipas.

Está de parabéns a Irmandade de S. Gualter, principalmente o sr. dr. Adelino Jorge, pelo brilho que soube imprimir ao sumptuoso préstito religioso.

A festa em honra de S. Gualter, realizada na manhã de domingo no templo dos Santos Passos, que estava formosamente decorado, e que contou de missa cantada e sermão, decorreu com muito rigor litúrgico e grande imponência, tendo agradado a parte coral do Grupo de Santa Cecilia com acompanhamento de grande orquestra.

O sermão, este ano confiado ao rev. Fr. Joaquim Gomes da Costa Peixoto, de Coimbra, foi mais uma notável peça oratória de exaltação franciscana, de louvor a S. Gualter e de elogio a Guimarães — Terra de S. Gualter.

A Tourada de 2.ª-feira

A Tourada de segunda-feira registou grande afluência de público e decorreu com animação, muito tendo agradado a exibição dos consagrados artistas que nela tomaram parte — os melhores artistas portugueses.

A praça oferecia um belo aspecto e a corrida, com bom gado e artistas de nomeada, constituiu um acontecimento tauromáquico a que poucas vezes se assiste.

Está de parabéns o sr. Artur Aires e as pessoas de Guimarães que foram seus valiosos auxiliares na organização.

A grande Marcha Gualteriana

Constituiu um novo e clamoroso triunfo, a Grande Marcha Gualteriana que, percorreu as principais ruas da cidade.

Uma multidão computada em mais de uma centena de milhar de pessoas assistiu ao desfile, aplaudindo com vibrante entusiasmo os carros alegóricos, em particular o da Cidade de Guimarães e o de homenagem à Índia Portuguesa.

Abria a Marcha, toda profusamente iluminada a electricidade e com os figurantes vestidos e caracterizados a rigor, por um grupo motorizado de fantasia, seguido de um numeroso e bem apresentado grupo de meninas, marchando garbosamente.

E começava, então, o desfile dos carros, magníficos, despertando no público constantes aplausos:

O conto da Fada, anunciando o desfile do cortejo; Carro da Cidade, lindíssimo e bem significativo; Carro Titania; Carro Fantasia Musical; Carro — As Fontes e Canais de Veneza; Carro — «Neptuno», Rei dos Mares; Carro Bailado das Horas; Carro Caracol vai pra férias e, por último, o carro que mais se salientou, pela sua feliz concepção e pela flagrantemente oportuna — o carro Portugal na Índia, que, tendo como legenda os dizeres «Na Índia também existem Portugueses há mais de 400 anos», tinha a seguinte significação:

— Guimarães, terra-mater de Portugal, dedica aos seus irmãos de sangue, em terras distantes da Índia, o preito da sua homenagem e admiração pelo seu heróico patriotismo de bons portugueses.

Nas naus das conquistas é transportado o glorioso Padrão das Descobertas, levantado por possantes marinheiros, sob as bênçãos de Deus, em terras da Índia. Ao centro, via-se a cena histórica da resposta que Afonso de Albuquerque deu aos emissários do rei de Ormuz, que exigiam o pagamento do tributo — «E' com isto que Portugal costuma pagar aos seus inimigos» — parecia repeti-lo a figura

austera do grande capitão, ao mostrar, àqueles emissários, a metralha de granadas e balas que, para o efeito, mandara juntar.

Ao fundo, via-se a cena da audiência dada a Vasco da Gama pelo Samorim.

A passagem deste carro levantou uma verdadeira vaga alta de entusiasmo, traduzida em ovações e vivas que deram a este bellissimo número das festas — a incomparável Marcha Gualteriana — uma nova característica, o timbre do sentimento patriótico a selar uma manifestação de bairrismo única no País inteiro.

O figurado deste carro era constituído por músicos orientais, bailadeira oriental, chinesa, bailarinos, macacos com ananás, pretos, pretas, batuque (figurado vivo), bandariheiros, forçados, capinhas, toiro.

Finalmente o carro Bombas Voadoras, dedicado ao Exército de Terra, Mar e Ar.

A medida que aquele carro se aproximava, a multidão ia escutando, emocionada, um canto dos Lusíadas, respeitante ao esforço português, nas descobertas e conquistas, admiravelmente dito, em voz timbrada e com toda a alma, por uma personalidade que amavelmente se prontificou a compartilhar naquela afirmação patriótica de Guimarães e que bem mereceu, por isso, os melhores louvores.

O cortejo, enorme, bem organizado, com os seus figurantes de papel e arame, muitas centenas de figuras sugestivas, foi presenciado por toda a gente — um mar de gente — e despertou, em todos os lados, a mais viva sensação e entusiasmo. Foi um verdadeiro delírio.

O Concurso Pecuniário — Atribuição de prémios

O júri do Grande Concurso Pecuniário realizado na Avenida de D. João IV, atribuiu os seguintes prémios:

Touros reprodutores, de 2 a 6 anos, de raça Barrosã — 1.º, António Fernandes de Araújo, de Fafe; e Joaquim da Costa, de Celorico de Basto.

Novilhos reprodutores, de 1 a 2 anos, de raça Barrosã — 1.º, Domingos Kamalho, de Braga; 2.º, Silvério Vieira, da Póvoa de Lanhoso.

Vacas de criação e trabalho, isoladas (3 a 8 anos) — 1.º, Bernardino Teixeira, de Fafe; 2.º, Hermínio Veloso, da Póvoa de Lanhoso.

Idem, idem, juntas — 1.º, António Fernandes de Araújo, de Fafe; 2.º, António Matos, de Famalicão.

Bois de trabalho, juntas, de 3 a 8 anos — 1.º, José Soares, de Amares; 2.º, João Leite de Oliveira, de Guimarães.

Novilhos de trabalho — 1.º, Joaquim Martins, de Felgueiras; 2.º, António Matos, de Famalicão.

Novilhos — 1.º, António Matos, de Famalicão; 2.º, José Fernandes de Araújo, de Fafe.

Bois de ceva — 1.º, Joaquim Alves, de Guimarães; 2.º, João Vieira, da Póvoa de Lanhoso.

Touros reprodutores, turinos — 1.º, João Pereira de Magalhães, de Santo Tirso; 2.º, António Martins, de Guimarães.

Vacas turinas leiteiras — 1.º, Manuel Fernandes, de Guimarães; 2.º, José Novais, de Barcelos.

Porcas de criação, Alfeiras e afilhadas — 1.º, Domingos Ferreira, de Guimarães; 2.º, Domingos Macedo, idem.

Raça inglesa, Varrascos — 1.º e 2.º prémios, Agustin de La Lhaye, do Porto.

Porcos de criação, até 4 anos — 1.º e 2.º prémios, Agustin de La Lhaye, do Porto.

Porcos de engorda, até 2 anos — 1.º e 2.º prémios, Agustin de La Lhaye, do Porto.

Garranos — 1.º, Manuel Lobo de Macedo, de Guimarães; 2.º, João Novais Rebelo, de Guimarães.

Carneiros reprodutores — 1.º, João Leite da Silva, de Fafe; 2.º, José Manuel Cabral, de Guimarães.

Ovelhas — 1.º, João Leite da Silva, de Fafe; 2.º, José Manuel Cabral, de Guimarães.

Borregos — 1.º, João Leite da Silva, de Fafe; 2.º, António Mendes Ribeiro, de Guimarães.

Aqui fica em ligeiras e desprezíveis notas de reportagem, a impressão que colhem das nossas festas deste ano, às quais nos orgulhamos de ter prestado, como sempre, o nosso concurso, modesto embora, mas não menos sincero e desinteressado.

Vacinação anti-rábica

Principiou no dia 4 e terminará no dia 14 de Setembro a vacinação anti-rábica, neste concelho, a qual é feita nos dias e nos locais mencionados nos editais que, como de costume, foram afixados em lugares públicos e em todas as freguesias do concelho.

Os obreiros da Marcha Gualteriana

merecem ser homenageados

Porque a nossa famosa Marcha foi mais uma grande e inegalável afirmação de vitalidade e do acendrado bairrismo dos briosos Empregados do Comércio, bem merecem estes, assim como os seus mais directos e dedicados colaboradores, que os vimaranenses, toda a cidade e concelho, lhes prestem a homenagem da sua admiração e muito apreço.

Está em projecto essa homenagem, que nos é sugerida pelo conceituado industrial sr. Joaquim de Sousa Oliveira, de Vizela, que contribuirá com a importância de Mil escudos, para o jantar a oferecer aos valiosos obreiros da Marcha Gualteriana.

Damos à feliz ideia todo o nosso aplauso e o nosso melhor patrocínio.

Prestemos a nossa homenagem àquela pléiade de devotados vimaranenses.

A Batalha de Aljubarrota

Promovida pela Câmara Municipal realiza-se no sábado, 14, a patriótica comemoração da Batalha de Aljubarrota, junto do Padrão do Salado, constando de Missa Solene, campal, e alocução por um distinto orador sagrado.

As cerimónias, para que vão ser convidadas as autoridades e pessoas de representação, começarão às 11 horas.

HOMENAGEM DOS ESCUTAS

AO SANTO CONDESTÁVEL

Realiza-se hoje, nesta cidade, prometendo revestir grande importância, a festa promovida pela Junta local do Corpo Nacional de Escutas, em honra do Santo Condestável, Nuno Alvares Pereira, com o seguinte programa:

Missa solene com alocução patriótica, às 11 horas, no claustro do Paço dos Duques de Bragança; Sessão solene, no mesmo local, às 17 horas e Procissão em que será conduzida para o templo de S. Dámaso a Imagem do Santo Condestável, presidindo ao religioso préstito o Reverendíssimo Senhor Dom Gabriel de Sousa, Abade da Ordem Beneditina em Portugal.

BENEFICÊNCIA DO "NOTÍCIAS"

Transporte . . .	3.560\$00
Recebemos mais:	
Manuel José da Costa Guimarães, de Aveiro (a) . . .	20\$00
Importância recebida de diversos subscritores, para uma Senhora doente a quem fizemos a entrega . . .	1.025\$00
Do sr. Reinaldo Pinto de Figueiredo, sufragando a alma de seu pai, cujo 1.º aniversário do falecimento ocorreu ontem (b) . . .	150\$00
A transportar . . .	4.755\$00

(a) Contemplámos dois pobres muito necessitados.

(b) Vamos contemplar diversas famílias necessitadas.

NOVO MÉDICO

Na Faculdade de Medicina do Porto, terminou com distinção o seu curso o novo médico vimaranense, sr. dr. Antero Campos Martins de Freitas, filho do nosso prezado amigo sr. dr. Leopoldo Martins de Freitas.

Ao novo clínico, e a seus pais, os nossos cumprimentos.

"A Voz de Fafe,"

De conformidade com o que determina a Lei da Imprensa e para garantia do título, foi publicado um número do jornal «A Voz de Fafe», de que é director e proprietário o nosso prezado amigo sr. Joaquim Alves Machado.

«A Voz de Fafe», que suspen-

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fazem anos:

No dia 10, os nossos prezados amigos srs. dr. Alfredo Peixoto, José Pinto Pereira de Oliveira e coronel Henrique Alberto de Sousa Guerra; no dia 11, as srs.ªs D. Albina Iracema de Quadros Flores, D. Maria Irene Ferreira Cabral Ferra e D. Irene Gabriela de Sousa Guerra, esposa do sr. capitão Sousa Guerra e o nosso amigo sr. Mário Monteiro Dias de Castro; no dia 12, o nosso bom amigo sr. Amadeu C. Penafort; no dia 14, o nosso bom amigo sr. José Manuel Moniz Lima; no dia 15, a sr.ª D. Maria Angelina de Araújo Abreu Brandão e os nossos bons amigos srs. Carlos Teixeira Pinto e Fernando Figueiredo; no dia 16, a sr.ª D. Nélia de Castro Guise, filha do nosso bom amigo sr. Manuel de Sousa Guise e o nosso prezado amigo sr. Armando da Cunha Nogueira Mendes.

«Notícias de Guimarães» apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

Partidas e chegadas

Comendador Albano de Sousa Guise — Esteve no domingo nesta cidade, de visita a sua família, tendo sido cumprimentado por muitos amigos, o nosso ilustre conterrâneo e prezado amigo sr. Comendador Albano de Sousa Guise, que no dia imediato seguiu para Lisboa, devendo regressar, hoje, por via-aérea, ao Brasil, de onde chegará na semana anterior.

Agradecendo ao querido amigo o seu abraço, desejamos-lhe feliz viagem de regresso e a continuação de sua prosperidade.

Com sua família encontra-se a veranear no seu solar de Carvalho d'Arca, o nosso querido amigo sr. Comandante João de Paiva de Faria Leite Brandão.

— Regressou ao Brasil, tendo-nos dado o prazer do seu abraço de despedida, o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. Alfredo Teixeira Pinto.

— Com suas famílias partiram para a Póvoa de Varzim os nossos prezados amigos srs. dr. Sebastião Lobo Cardoso de Menezes (Paço de Nespereira), Augusto Luciano Guimarães, Gualdino Pereira, António José Paredes e dr. Manuel Jesus de Sousa.

— Com sua esposa regressou de Peso (Melgaço), o nosso querido amigo sr. Comendador Alberto Pimenta Machado, que continua a melhorar dos seus incómodos.

— Esteve nesta cidade o nosso ilustre conterrâneo e amigo sr. Eng.º Duarte Amaral.

Também estiveram nesta cidade, por ocasião das Festas Gualterianas, os nossos prezados amigos srs. Francisco de Salles Leite da Silva, aspirante de Finanças em Valpaços; Horácio de Castro, aspirante de Finanças em Bragança; José Barbosa de Oliveira, João de Freitas Barbosa de Oliveira e António Vilaça Ferreira, de Viana do Castelo; Adrião Abílio Saraiva Martins, Fernando Vilaça Ferreira e Joaquim Lopes Martins, do Porto; João de Passos Ferraz, da Póvoa de Varzim; Pedro Pereira de Freitas e António Ferreira Júnior, de Lisboa; Tenente Bernardo de Castro, de Cabeceiras de Basto; António Barbosa de Oliveira, de Braga; Eng.º António José Mendes da Silva, de Vila do Conde; Abílio Ferreira de Oliveira, de S. Martinho do Campo; Coronel António de Quadros Flores, de Jangueiros; dr. Francisco Moreira Sampaio, de Pombeiro; Joaquim Alves Machado, de Fafe; Octávio Machado, de Amares; P.º José Carlos Alves Vieira, nosso ilustre colaborador, de Vieira do Minho; P.º António Alexandre Ferreira de Melo, de Viana do Castelo; Rev. dr. Francisco de Melo, de S. Pedro da Ramonda; dr. António Paúl e P.º Alexandrino Brochado, do Porto; P.º Manuel Martins, de Revelhe (Fafe); dr. Francisco José de Freitas Pereira, de Coimbra; António Luís Teixeira, de Beja; Ezequiel de Sousa, de Vizeu; Eduardo Pizarro de Almeida, de Tondela; Gaspar da Silva Ribeiro Calixto, de Alcacer do Sal; Domingos Ribeiro, de Braga; Alcino Carvalho Machado, de Famalicão; José de Moura e Sá, de Lever, e sargento Ernesto Rocha, do Porto.

— Também vimos nesta cidade, por ocasião das Festas Gualterianas, os nossos prezados amigos e

conterrâneos srs. Alvaro Gonçalves Lima e Hilário Gonçalves Lima, comerciantes em Angola, que se encontram no continente de visita a sua família.

— Cumprimos nesta cidade, por ocasião das Festas, os nossos prezados camaradas, do Porto, srs. Manuel Ramos, José Mesquita e J. Barreto Júnior.

— Encontram-se na Póvoa de Varzim as famílias dos nossos bons amigos srs. António José da Costa e José de Freitas.

— Esteve nesta cidade o nosso prezado amigo sr. Heitor Guimarães.

— Com sua família está na Póvoa de Varzim o nosso bom amigo sr. Egídio Alvaro da Costa Pinheiro.

— Deu-nos o prazer de sua visita a sr.ª D. Maria José Pacheco Lopes, de Tondela.

— Estão a veranear na Póvoa de Varzim os nossos bons amigos srs. Belmiro Mendes de Oliveira, Francisco José da Luz Pereira Mendes, José Maria Leite e dr. José Maria de Castro Ferreira.

— Com sua esposa regressou da mesma praia o nosso bom amigo sr. José Maria Félix Pereira.

— Com sua esposa partiu para as suas propriedades de Nespereira o nosso prezado amigo sr. dr. João Rocha dos Santos.

— Tem estado na Curia, a uso de águas, o nosso prezado amigo sr. Francisco Pereira da Silva Quintas.

— Com sua esposa partiu para a Póvoa de Varzim o nosso prezado colaborador e amigo sr. A. L. de Carvalho.

— Com sua esposa partiu para as Pedras Salgadas o nosso prezado amigo sr. Vital Marques Rodrigues.

— Com sua família partiu para a Póvoa de Varzim o nosso prezado amigo sr. Adão Torcato Ribeiro de Almeida.

— Regressaram a Aveiro os nossos bons amigos srs. dr. Gabriel Teixeira de Faria e Manuel José da Costa Guimarães, partindo este último para a Costa Nova.

— Com sua esposa regressou da Póvoa de Varzim o nosso bom amigo sr. João de Sousa Neves.

— Com sua esposa tem estado a veranear em Entre-os-Rios, o nosso bom amigo sr. Alfredo Faria Martins.

— Com suas famílias partiram para a Póvoa de Varzim os nossos bons amigos srs. António José Pereira Rodrigues e Alberto Gomes Alves.

— Com sua família regressou da Póvoa de Varzim o nosso prezado amigo sr. Manuel Lopes.

— Partiu para as Termas de Mondariz (Espanha), acompanhado de sua esposa o nosso bom amigo sr. António de Pádua Martins (Ferra), sócio gerente da Firma Martins Castro & Gonçalves, Limitada.

Pedido de casamento

O sr. dr. Manuel Guerra e sua esposa a sr.ª D. Maria dos Anjos Tabor da Guerra Junqueiro, de Freixo d'Espada à Cinta, pediram em casamento, no domingo, no Pevidém, para seu filho o sr. Amândio Augusto Guerra Junqueiro, a mão da gentil menina Ana Maria de Abreu Lima, filha do sr. Albano M. Coelho de Lima, importante industrial no Pevidém, e de sua esposa a sr.ª D. Maria Belém de Abreu Coelho Lima, devendo realizar-se em breve o auspicioso enlace.

Aos noivos desejamos desde já as maiores venturas.

Doentes

Esteve bastante doente, mas já se encontra melhor, a esposa do nosso prezado amigo sr. Coronel M. de Sousa Guedes.

Desejamos as suas melhoras.

— Já vimos quase restabelecido o ilustre director do Museu Alberto Sampaio sr. Alfredo Guimarães.

Falec. e Sufrágios

Abílio José Pimenta

Quase repentinamente e na sua casa de Cerdeiro, em Cerdezeiro, faleceu o estimado proprietário sr. Abílio José Pimenta, de 70 anos e que contava as melhores relações.

O extinto era pai do sr. José de Abreu Pimenta e da sr.ª D. Emília Gonçalves Pimenta e sogro da sr.ª D. Rosa Correia Pimenta e dos srs. dr. Artur Alves de Castro e Belmiro Moreira Gomes.

O seu funeral, que se realizou na quinta-feira naquela freguesia, esteve muito concorrido.

Os nossos pésames à família dorida.

D. Laura da Silva Ferreira

Faleceu, em Felgar, com a projectada idade de 80 anos, esta bondosa senhora, viúva do sr. António Augusto Ferreira, que falecera também há pouco mais de um mês. Paz à sua alma.

José Afonso de Freitas e Silva

Na sua residência na rua da Liberdade, faleceu, contando apenas 17 anos, o sr. José Afonso de Freitas e Silva, filho do sr. Gervásio da Silva e da sr.ª D. Maria da Conceição Freitas Silva, e sobrinho dos srs. José Guimarães e Fran-

Pelo Ensino

Escola Industrial e Comercial

O prazo para as matrículas, nos diversos cursos professores nesta Escola, decorrem de 11 a 20 do corrente.

Liceu de Guimarães

Neste estabelecimento de ensino está aberta a matrícula até ao dia 20 do corrente, para os alunos que o desejem frequentar.

À ÚLTIMA HORA

Por despacho ministerial de antontem foi criado na nossa Escola Industrial e Comercial o Curso Geral de Comércio.

Inocente Maria Bernardet Vieira de Andrade Soares

AGRADECIMENTO

Os Pais e demais família da desaludosa e extinta criança, na impossibilidade de melhor agradecerem a todas as pessoas que os confortaram na dor trágica que os conflagra, vêm deste modo testemunharem reconhecidos todos a gratidão por tão grandes sentimentos.

A todos muito e muito obrigados.

Guimarães, 7-Agosto-1954.

cisco Pereira da Costa, ausentes no Brasil; João da Silva Guimarães, Joaquim da Silva, Francisco Alves Ferreira e Paulino Ferreira Leite e das sr.ªs D. Maria das Dores Ferreira e D. Joaquina da Silva.

O seu funeral, que esteve muito concorrido, realizou-se antontem, após os ofícios no templo de S. Sebastião, para o cemitério Municipal.

A chave do caixão foi entregue ao sr. Abel Machado Faria, amigo íntimo da família dorida.

Os nossos pésames à família dorida.

Vida Católica

Santuário de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

Realiza-se hoje, no santuário de N. S.ª do Perpétuo Socorro, a reunião mensal da arquiconfraria da mesma invocação, constando de manhã, missas e comunhão geral, e de tarde, pelas 16,30 e 21 horas, exposição, terço, prática, consagração e bênção do Santíssimo.

Pia Associação dos Amigos do Sagrado Coração de Jesus

Realiza-se no próximo domingo, dia 15, pelas 7 horas, na igreja de N. S.ª da Oliveira, a reunião mensal desta associação, constando de missa rezada e comunhão geral.

Diversas Notícias

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Henrique Gomes, à R. da Rainha, Telef. 4146.

Comparticipação

Foi concedida a participação do Estado de 110 contos para a obra de prolongamento da Rua do Padre Roriz.

Confraternizando

Realizou-se num restaurante de Guimarães a reunião do curso dos 6.º e 7.º ano do Liceu Rodrigues de Freitas, do Porto, do ano de 1912/13, do qual faziam parte os saudáveis vimaranenses srs. dr. Roberto de Carvalho e Apriço Neves de Castro, e estão ainda sobreviventes os srs. dr. Artur Gomes Alves e Manuel Joaquim da Silva.

Incêndio

Na noite de 2.ª-feira, manifestou-se um violento incêndio num prédio da Rua d'Arca, em cujo rés-do-chão existia um estabelecimento de mercearia e vinho, no qual o sinistro teve início, propagando-se imediatamente ao 1.º andar. Não obstante os esforços dos Bombeiros, que compareceram rapidamente, os prejuízos são avultados, calculando-se em valor superior a 100 contos, estando em parte cobertos pelo seguro.

O prédio que era propriedade do sr. Lourenço Ferreira Martins, era habitado pelas famílias dos srs. António de Freitas, Domingos Leite, António Ferreira e Benigno Frederico.

Cachorros Lobos-Alsácia

Vendem-se. Falar no Posto Clínico n.º 72 (A S. Francisco) — Guimarães. 332

Dinheiro Perdeu-se desde a Pensão de Guimarães até à Clarinha. Informa a redacção. 333

No MEU CANTINHO

Quarta-feira, 27.
No Jornal da Matilde, o soneto a cantar *O Fado*, iguala os melhores de Costa Guimarães.

* * *

Hoje, os dois Quotidianos bragueses brilham forte.
No *Diário*, é Martins Torres a versar «O mistério e as leis do Pensamento».

No *Correio*, é Arnaldo de Azevedo Pinto com Poema formosíssimo à Índia Portuguesa.

* * *

Quinta-feira, 29.
Corrigindo e insistindo: *Jovem Amigo*, quer maior tortura?

* * *

Pequenino, mas muito interessante, o Estudo de António d'Azevedo «O Dr. Manuel Monteiro e a *Chanson de Roland* no românico português».

E' separata de «Bracara Augusta», mimosa edição da Livraria Cruz, em 1952.

GERESINO.

Ócios de Velho

O ilustre vimezanense P.º Joaquim Campo Santo, S. J., o celebrado autor do *Hino da Penha*, escreveu muito em prosa e verso, mas nunca se permitiu a vaidade de coligir em livro os seus preciosos escritos, o que realmente foi pena.

Versejava com muita facilidade, e era um tradutor apurado e consciencioso. Verter coisas em prosa, não é para todos; mas verter poesia, é coisa muito de costa-arriba e poucos o fazem com jeito e com perfeição. A Companhia de Jesus teve no século findo e princípios deste dois verdadeiros mestres nesse particular: o P.º Campo Santo, de Guimarães, e o P.º João Serafim Gomes, do Porto.

Ora leiam a poesia que segue, versão de Campo Santo, e digam se falo à toa.

A Corda destemperada

Quilumque totam legem servaverit, offendat autem in uno, factus est omnium reus.

Jac., C. II. v. 10.

Cristãos há tão basbaques, tão grossos, que, em não sendo ladrões, seiros, e nem onanheiros, Ebríos, assassinos ou perjurios, Já se dão por muy salvos e seguros, Inda que tenham n' alma o seu resquício, Valhacouto enflorado de algum vício. Mas enganam-se, e o caso que ora abento Pode ser pra seu erro documento.

Tocou Elisa na harpa um *andantino*. Em alegre sarau, do *Il Coradino* (1); Mas com tal expressão, com tal mestria, Que a assembleia pasmou da melodia. E «outra vez! outra vez!» a uma clama: «Pois lá vai outra vez!» tornou a dama; Mas, p'ra peça pregar, a mesma peça Com tal desconcerto recomeça, Que, se antes fôra assombro de harmonia, Gatos à bulha agora parecia. E, sem deixar um til na *sonata*, Fica, arranha, assassina e desbarata. Uma inferneira! Uns tapam os ouvidos, Tossem outros curvando as sobranceiras. «Que matraca infernal nos improvisa?» Para então e mul grave diz Elisa: — «Isto é mistério da arte, e não profundo, Pois é coisa que sabe todo o mundo. Diferença atroz achais? Pois foi um nada, não foi mais que uma corda destemperada. — «Uma corda somente?» — «E isto sobra Para estragar sem dó a melhor obra. Da harmonia co'a a lei não se caçoe. Uma corda, uma só, que ali destoe, Descompõe o conjunto de tal modo, Que duro e dissonante o torna todo.» Fez-tejo a assembleia a travessura E a impressão, que lhe fez, inda hoje dura. Pena foi não 'star lá algum moralista Pra algo mais nos dizer, que a bela artista... Querem que o diga eu...? Lá vai. Atentos!

Embora um homem cumpra os Mandamentos, Se infringe um só que seja o trastejoucado, Fica-lhe todo o bem desbaratado, E chama sobre si de Deus a tra, Como se em todos eles delinquirá.

S. A.

A propósito da agressão Indiana

Neste momento em que a nossa alma de portugueses se confrange, dolorosamente, com os acontecimentos na Índia, eu desejo evocar, neste rápido cotejo da História de Guimarães, os nomes daqueles vimezanenses que tanto se esforçaram, lutando e morrendo, por esta Pátria de nós tão querida, nessas longínquas paragens por onde Portugal se estende — Uno, Eterno e Indivisível. Eis os seus nomes:

— Fernão Machado Miranda, fidalgo da casa do Arco, da Rua de Santa Maria, morto numa batalha naval contra os turcos.

— Francisco Machado Miranda, faleceu na Índia no posto de Capitão de Infantaria.

— Frei Gualter Machado, da Ordem de S. João de Rodes, morto heroicamente em peleja contra os turcos.

— Frei Martin Pereira d'Eça, combatente da Índia, morreu em Portugal depois de ocupar altos lugares de destaque.

— Fernão Mesquita (O Velho, morgado da antiga Rua da Infesta, valoroso combatente na tomada de Azamor em 1513, embarcou para a Índia onde se cobriu de glória e fama.

— Rui Mendes de Mesquita, seu filho, denodado combatente.

— Fernão de Mesquita, seu neto, jovem e esforçado guerreiro: aos dezóito anos ganha, por seus feitos, a Comenda de Cristo; e aos vinte, o lugar de Capitão-Mor da Costa.

— Diogo Lopes de Mesquita, alcançou o lugar de Capitão da Fortaleza de Moluco pelos seus interneros feitos de armas.

— Diogo de Mesquita, filho de Fernão de Mesquita, foi nomeado pelo Governador da Índia, Nuno da Cunha, embaixador aos turcos e ficou famoso na luta contra o Rei de Cambaya.

— Manuel da Cunha de Mesquita, filho de Diogo de Mesquita, foi um dos melhores capitães da Índia.

(Filho, netos e bisnetos de Fernão de Mesquita — O Velho).

— Salvador da Costa e Almada, fidalgo cavaleiro com casa nobre na Rua da Fé, morto em combate contra os turcos na Costa de Ceilão.

— Gregório da Costa do Vale, Capitão da Costa, morto heroicamente em luta contra os turcos.

— Garcia Leite Pereira, da Rua do Cano de Cima, embarcou para a Índia em 1559, foi premiado pelos seus grandes feitos com a Capitania de Tanadar e Mamora e depois com a Fortaleza de Baçaim.

— António Leite de Azevedo, sobrinho de Garcia Leite Pereira, prestou na Índia relevantes serviços.

— António Pereira da Silva, fidalgo e morgado, com casa nobre na Rua de Santa Maria, acompanhou o Rei D. Sebastião a Alcácer-Kibir, onde foi valoroso peicador; ficando cativo, foi resgatado e em-

barcou depois para a Índia como combatente.

— Salvador Pereira da Silva, seu filho, esforçado guerreiro, foi Mestre de Campo em Ceilão e Capitão-Mor da Armada.

— João Vasques Peixoto, fidalgo da Casa da Pousada, denodado combatente da Índia.

— António Peixoto de Carvalho, moço fidalgo, temido e valoroso guerreiro em Bengala.

— João de Sousa Alcanforado, senhor do Morgado de Vila Pouca, com seus filhos Manuel e Francisco de Sousa Alcanforado embarcou para a Índia em 1515. Foi Capitão de Sofala e Malaca.

— Simão Rebelo Valadares, da Rua de Santa Maria, morto gloriosamente no escalamento da Praça de Ceilão.

À sua memória me curvo cheio de respeito por o muito que fizeram e hoje, ao evocá-los, comovidamente recordo o seu heroísmo e o seu amor a esta Pátria, sagrada pela glória e pelos feitos dos seus filhos.

Foram portugueses assim, destemidos e fortes — os Gloriosos Capitães da Índia — que escreveram pelos seus actos e com a generosidade do seu sangue, as páginas inrodeadoras da mais Bela História do Mundo: — a História de Portugal.

(Palavras proferidas na reunião do Rotary Clube pelo sr. António A. A. Ferreira Júnior).

COMUNICADO

Com o intuito, apenas, de desfazer mal entendidos que porventura possam existir, venho esclarecer o público da minha terra do lamentável incidente que deu origem à suspensão dos serviços da Banda de Música local, na tarde do dia 1 de Agosto de 1954, pelas 17,30 horas, quando me preparava para tomar parte na procissão de S. Gualter.

Assim, cumpre-me o dever de esclarecer a opinião pública de que, no referido dia e depois da continuação do cumprimento fiel do horário geral que me foi fornecido pela Ex.ª Comissão de Festas, constava, do referido horário, uma recepção à Banda de S. Tiago de Compostela, pelas 15 horas, para o que convoquei todo o meu pessoal para junto do Quartel dos Bombeiros Voluntários, apesar de não ter qualquer indicação nesse sentido.

Costume antigo em Guimarães e julgo que em toda a parte, é a queima de um ou mais foguetes, como sinal convencional que se transmite às pessoas ou entidades que têm de tomar parte na recepção, sinal este que significa a aproximação dos visitantes e, por consequência, a preparação da recepção.

Como se vem fazendo isto há

ADUBOS - QUÍMICO - ORGÂNICOS "SEIVA"
À BASE DE FARINHA DE PEIXE

NITROPHOSKA — BASF
NITRATO DE CAL — BASF

Insecticidas, Fungicidas e Molhantes **BASF** para todas as culturas, tendo sempre stocks no armazém da conceituada Indústria Química Alemã. **BADISCHE ANILIN & SODA — FABRIK A. G.**

Vinhos tintos e brancos engarrafados e de pipa de afamada região de Basto, da Quinta da «Avelosã».

Vende aos melhores preços o seu proprietário
JOÃO PASSOS BASTOS
nas suas instalações no Largo do Trovador n.º 38-45, nesta cidade.
TELEFONE N.º 40224.

OFERTAS E PROCURAS

CASA VENDE-SE
Com rés-do-chão e dois andares e quintal que produz em média 5 pipas de vinho. Tem telefone e luz eléctrica. Situada junto da estrada. Lugar das Quintães — Serzedo.
Para tratar: na mesma, ou por favor em Guimarães Manuel Fernandes Carneiro. 327

CASA — Vende-se

Com 1.º e 2.º andar, quarto de banho devidamente montado, quintal, que dá 4 pipas de vinho, jardim,

pomar, água de mina em abundância, uma mata com frente para a Estrada Nacional — na Taipa, Caramos. Falar com João Faria, Farmácia de Regilde, ou Joaquim Rocha, Vila de Felgueiras. 321

Admitem-se aprendizes para electricista, com idade entre os 16 e 18 anos. Dirigirem-se ao Largo 28 de de Maio, 78 - 1.º. 318

Aluga-se O 2.º andar do novo prédio, Rua do Anjo n.º 31, próximo ao Tournal. Falar Camisaria Martins. 314

BRIQUETES PEJÃO
INDÚSTRIA — AQUECIMENTO — COZINHA —
A Competidora de Representações, L.ª
R. da Rainha n.º 115 — Tel. 4523
GUIMARÃES 299

IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DA CONSOLAÇÃO E SANTOS PASSOS

Assembleia Geral

São convidados todos os Irmãos a comparecer na Sala das Sessões, anexa à sua Igreja, no Largo da República do Brasil, no dia 8 do mês corrente, pelas 11 horas, com a seguinte ordem do dia

Autorização à Mesa para contrair um empréstimo ao capital para obras de ampliação do Colégio de Nossa Senhora da Conceição.

Não comparecendo número suficiente de Irmãos, desde já se faz nova convocação para o dia 15, à mesma hora.

Guimarães e Secretária da Irmandade de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos, 2 de Agosto de 1954.

O Provedor, 351

António José Pereira Rodrigues.

OFICINA DE REPARAÇÕES ELÉCTRICAS

Em INSTALAÇÕES de AUTOMÓVEIS e ACESSÓRIOS. REBOBINAGENS DE DÍNAMOS, MOTORES E TRANSFORMADORES ELÉCTRICOS. RECONSTRUÇÕES DE BATERIAS, etc.

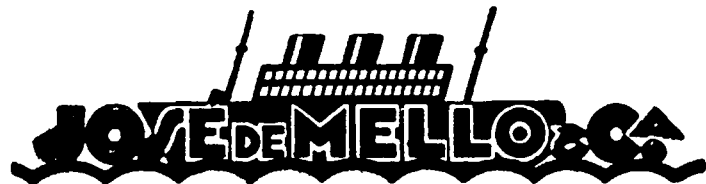
São garantidos todos os serviços por esta casa executados.

Ribeiro de Oliveira & Mendes

LARGO DA REPÚBLICA DO BRASIL, 45 — TEL. 4689
GUIMARÃES

Agentes Transitários e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação. Sua Recolha ou entrega no Domicílio.



Casa fundada em 1828

ESCRITÓRIOS: Rua Nova de Alfândega n.º 67 — PORTO com Armazém de Retem e Depósitos (Área coberta: 3.000 metros quadrados.)

EM MATOSINHOS: R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 909
Telefones: 21075 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57

Sorvetes Cassatas Neveiros

TRÊS DELICIOSOS GELADOS COM QUE A BENAMOR SERVE V. EX.ª

EMBALAGENS PRÓPRIAS PARA SERVIR EM CASA

BENAMOR

TOURAL — TELEFONE, 4105

EDOLACA

ESMALTE GORDO E SINTÉTICO PARA INTERIOR

38 CORES 175

Agente: Domingos Cosme Baptista Vieira

Depositários: João Garcia & C.ª, L.ª

GUIMARÃES

MÁRIO COSTA & C.ª, L.ª

PORTO — Rua do Almada, 30-1.º

Telef. 23371

LISBOA — Rua Ferregal de Baixo, 31-1.º

Telefone 24345

TUBOS GALVANIZADOS!

Unicos importadores no Concelho: 300

A Competidora de Representações, L.ª

Só importamos tubos de parede normal, porque:

Tem mais parede, mais duração e suportam o dobro da pressão.

R. da Rainha n.º 115 — Tel. 4523

GUIMARÃES

CASA ESTRELA SAPATARIA

Rua de S. Dâmaso, 121-123

Junto à Marisqueira) 185

Consertos e limpezas de calçado

Calçado novo e por medida

Mande consertar calçado nesta Casa.

«CARI»

Casimiro Ribeiro

Obras Públicas e Edificações Gerais

TELEFONE 4609

PEVIDÉM

End. Teleg. CARI